

**IGREJA** Valeriano Paitoni, contrariando a orientação do Vaticano, que condena o preservativo, concebeu e dirigiu a fita

## Padre faz vídeo para defender camisinha

**ARMANDO ANTENORE**  
DA REPORTAGEM LOCAL

"O silêncio é uma prece." Quem visita pela primeira vez a sacristia da igreja de Nossa Senhora de Fátima, no Itaipava (zona norte de São Paulo), dificilmente fica alheio à frase de tom proverbial, inscrita em uma pequena placa. Mas para os fiéis que já conhecem o responsável por aquela paróquia, o ensinamento soa quase como ironia. Todos ali sabem que padre Valeriano Paitoni não é homem de silêncio.

Há 16 anos, o sacerdote se opõe às orientações do papa sobre o uso de preservativos. Enquanto a Santa Sé condena a camisinha,

padre Valeriano a recomenda e distribui. Não vê melhor saída diante da proliferação do HIV.

Na esperança de disseminar suas convicções, está lançando o vídeo "Em Defesa da Vida... São Outros 500". Ele mesmo o concebeu e dirigiu, com recursos do Ministério da Saúde (R\$ 20 mil).

A fita dura 16 minutos. É uma espécie de manifesto, que se apóia em uma tese principal: se hoje a Igreja Católica perde perdão pelas erros cometidos contra negros e índios, futuramente terá de fazê-lo por não aceitar a camisinha no combate à Aids.

O vídeo oferece números sobre a doença e tenta demonstrar como os preservativos vêm contri-

buinto para detê-la.

Um narrador informa que, de acordo com o Banco Mundial, "o trabalho de prevenção realizado no Brasil durante os últimos quatro anos evitou 38 mil novos casos de infecção pelo vírus HIV" — resultado que deriva também do "aumento de quase 500%" na venda de camisinhas.

Em alguns trechos, é o próprio padre Valeriano quem se pronuncia. "Como igreja", afirma, "não recebemos a missão de destruir a vida, mas de defendê-la na sua plenitude. Partindo desse princípio, precisamos rever com coragem nossas posições e dar uma resposta de vida, não de morte; uma resposta de inclusão e não de

exclusões".

Até agora, o sacerdote produziu 200 cópias do vídeo, que passou para ONGs católicas. Pretende, no entanto, espalhar outras fitas por paróquias de todo o país.

O manifesto deverá colocar mais lenhas em uma fogueira que já ardeu muito nas últimas semanas. Recentemente, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) promoveu um seminário sobre Aids que contou com a presença do monsenhor Javier Lozano Barragán, representante do Vaticano.

Ao longo do evento, o episcopado progressista chegou a admitir a camisinha como "mal menor". Monsenhor Barragán, contraria-

do, o repreendeu duramente. E reiterou que, para Roma, só há duas armas capazes de vencer o HIV: a abstinência sexual e a fidelidade conjugal.

"O vídeo não é uma provocação", diz padre Valeriano, que participou do seminário em Itaipava (SP). "É apenas uma tentativa de trazer o que pensa a base da igreja, aqueles que trabalham com os seropositivos."

### Punição

Italiano de Pontevico, o sacerdote administra três casas na zona norte paulistana que prestam assistência gratuita a portadores do vírus da Aids, juntas, cuidam de 33 pacientes — 22 crianças e 11

adultos.

Cada um custa cerca de R\$ 300 por mês. Frequentadores da igreja de Nossa Senhora de Fátima doam uma porcentagem do dinheiro. O resto advém da congregação de que o padre faz parte: a dos Missionários da Consolata.

No Brasil desde 1978, Valeriano, 50, trabalhou inicialmente em Cascavel (PR), onde respondeu pela formação de seminaristas.

Em 1984, mudou-se para São Paulo e travou os primeiros contatos com a Aids. Logo percebeu a importância da camisinha. Paulista, então, a defendeu em palestras e a distribuiu-la entre pobres e docentes. Nunca sofreu nenhuma punição do clero.

## ANEXO T

### SOCIEDADE



Entretanto, se você não aceita estes ideais ou tem dificuldade de vivê-los as recomendações da medicina são: evitar o uso comum de seringas; evitar relações sexuais sem preservativo; evitar transfusões sem conhecer a presença de sangue.

O ideal é viver castamente antes e durante o matrimônio.

**RECUO** O coordenador da Comissão Nacional de DST/Aids, dom Eugène Rixen, admitiu a tolerância à camisinha, sugerida no folheto da Pastoral da Saúde (acima). Depois, voltou atrás

### RELIGIÃO

## Veto à camisinha

Vaticano critica proposta da CNBB de admitir o uso de preservativo na prevenção de Aids entre os fiéis

**B**ispos brasileiros desafiaram um conhecido tabu do Vaticano acerca do comportamento sexual dos fiéis. Admitiram, numa cartilha sobre prevenção de Aids, o uso de camisinha como meio de evitar contaminação com o vírus do HIV. A Santa Sé reagiu com rapidez e energia. Lembrou que a castidade e a fidelidade são os únicos modos de prevenção compatíveis com a doutrina católica. Constrangidos, os bispos tiveram de recuar. O conflito ocorreu na semana passada, num seminário sobre Aids que reuniu religiosos e militantes de organizações não-governamentais na cidade de Indaiatuba, no interior paulista.

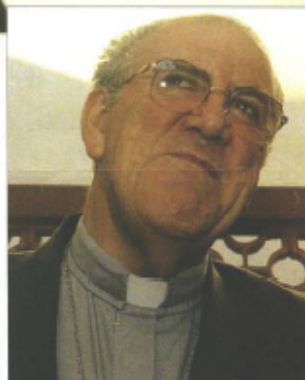
O texto da cartilha foi proposto pela Comissão Nacional de DST/Aids da Pastoral da Saúde. Pretendia legitimar uma prática comum entre alguns grupos católicos que lidam com o problema da Aids: muitos deles recomendam o uso de camisinha para impedir o contágio. Na segunda-feira 12, o coordenador da comissão, o bispo de Goiás, dom Eugène Rixen, fez a apresentação do folheto. "O preservativo pode ser usado no combate à doen-

ça entre grupos de risco, como homossexuais e prostitutas."

Foi um alvoroço. Um dos convidados, o religioso mexicano Javier Lozano Barragán, logo recebeu um fax de Roma. Monsenhor Barragán, que é presidente do Pontifício Conselho de Saúde, foi orientado a intervir. O núncio apostólico no Brasil, dom Alfio Rapisarda, também telefonou para Barragán em Indaiatuba. Pediu-lhe que reforçasse as diretrizes da Igreja. No dia seguinte, o mexicano cumpriu o papel à risca: "Preservativo, não, não, não e não", rechaçou num dos debates.

**Barragán fora chamado** para dar uma palestra e deveria ter ido embora após proferi-la. Preferiu acompanhar o evento até o fim. Chegou inclusive a sugerir que prostitutas e homossexuais se abstivessem de sexo. "O sexto mandamento diz: 'Não fomicarás'", lembrou.

Pressionado, dom Eugène Rixen recuou. "Eu havia me referido apenas aos não-católicos." Dirigentes da CNBB que se encontravam no Vaticano, na mesma semana, também retrocederam. A entidade divulgou nota em que se di-



**REAÇÃO** O monsenhor Javier Barragán foi convocado a reafirmar o veto da Igreja

zia mal-interpretada e afirmava sintonia com os altos escalões eclesiais.

As querelas tendem a ficar restritas à hierarquia da Igreja Católica, já que as cartilhas da Pastoral não foram sequer proibidas. Ao contrário. Serão distribuídas em paróquias que trabalham com prevenção entre fiéis. Estes, em sua maioria, nada têm contra o uso de camisinha. "Que cada um siga sua consciência", apaziguou o arcebispo emérito de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, de 78 anos, ao chegar a Indaiatuba no meio da confusão. Dom Paulo reforçou um antigo ensinamento da moral cristã: "Entre dois males, fique com o menor". ■

PAULA PEREIRA

ÉPOCA 19 DE JUNHO, 2009

## ANEXO U

# Religioso diz que CNBB só condena preservativo por pressão da Santa Sé

DA REPORTAGEM LOCAL

Durante entrevista de duas horas à *Folha*, o padre Valeriano Paitoni recomendou a camisinha inclusive para católicos casados e tocou em temas que sacerdotes costumam discutir nos bastidores do clero, mas que quase nunca abordam publicamente.

Disse, por exemplo, que:

\* a cúpula da CNBB aceita o uso de preservativos em certas circunstâncias e só adota discurso inflexível sobre o assunto porque sofre pressões do Vaticano;

\* o arcebispo do Rio de Janeiro, d. Eugênio Sales, comanda uma igreja paralela à igreja oficialmente estabelecida no Brasil;

\* seminários do país discriminam portadores do vírus da Aids.

Procurados para comentar as declarações do padre, d. Eugênio e os dirigentes da CNBB preferiram não se pronunciar.

(AA)

★

**Folha - O Vaticano erra quando proíbe que os católicos usem a camisinha no combate à Aids?**

**Padre Valeriano Paitoni** - Tenho certeza quase absoluta de que sim. Como no passado, a igreja ainda resiste às descobertas científicas. Deseja fazer valer sua posição em qualquer circunstância. Desde que a epidemia da Aids começou, o clero não soube se colocar no lugar certo. Quis ocupar o lugar dos cientistas. Enquanto a ciência nos educa e garante que o preservativo é uma das maneiras mais eficazes de proteção contra a doença, a igreja diz não. Fecha os olhos para provas científicas. Estamos mergulhados em um problema de saúde pública, e quem deve enfrentá-lo são as autoridades competentes. O Vaticano não pode atrapalhar. Diante do avanço do HIV, condenar a camisinha constitui um erro tão grave quanto os que atingiram negros e índios — populações que, recentemente, receberam do papa um pedido de perdão. No futuro, sem dúvida nenhuma, teremos de nos desculpar de novo pelos enganos cometidos em relação à Aids.

**Folha - Qual seria, então, o papel da igreja na luta contra a doença?**

**Padre Valeriano** - Apoiar as recomendações científicas. Solidariizar-se com doentes e portadores do HIV. Orientar os fiéis para que defendam sempre a vida.

**Folha - Católicos que admitem a camisinha costumam se escorar na "teoria do mal menor". Argumentam: entre a Aids e o preservativo, prefira o "mal menor". O que o senhor pensa desse raciocínio?**

**Padre Valeriano** - Não existe mal maior nem menor. Existe o mal e ponto. Se o preservativo protege a vida, não há por que o encarar como um mal menor. Trata-se, isso sim, de um bem maior — o único de que dispomos para driblar a Aids com segurança.

**Folha - O senhor recomenda que até mesmo os católicos casados usem camisinha?**

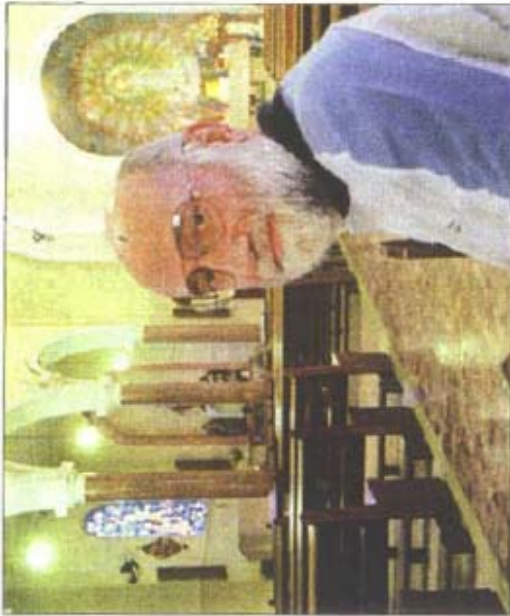
**Padre Valeriano** - Para fazer frente à Aids, recomendo, sim. Conheço muitas mulheres católicas, casadas e fiéis, que pegaram o HIV dos maridos. A coerência nos obriga a admitir que a fidelidade não é algo que todo mundo vivencia. Ainda que a procure intensamente, um casal nem sempre a alcança. A própria igreja conta com isso, quando oferece o perdão àqueles que pecaram. O sacramento da reconciliação — que antigamente chamávamos de confissão — existe porque Deus sabe das fraquezas humanas. Ele prevê a queda.



**CAMISINHA**

**Desarmonia no clero**

O padre Valeriano Paitoni, da igreja Nossa Senhora de Fátima, declarou ao jornal *Folha de S.Paulo* algo que os colegas de batina evitam dizer publicamente. Recomendou o uso de camisinha até para os católicos casados. "Conheço muitas mulheres católicas, casadas e fiéis que contraíram o HIV dos maridos", argumentou. O religioso sustenta que a CNBB condena retoricamente o preservativo por pressão do Vaticano. A reação da hierarquia católica foi instantânea. Dom Cláudio Hummes, arcebispo de São Paulo, divulgou nota condenando o desabafo do pároco. "Fui obrigado, com sincera dor por tratar-se de um irmão na fé e no sacerdócio, a publicar nota de repúdio como tentativa de correção fraterna", escreveu Hummes. "Isso não exclui outras providências administrativas e pastorais cabíveis para corrigir essa lamentável situação." Valeriano deverá ser removido da paróquia.



**O padre Valeriano Paitoni (acima) defendeu o uso da camisinha. Foi censurado por dom Cláudio Hummes, arcebispo de São Paulo (ao lado)**



ÉPOCA 10 DE JULHO, 2000

## RELIGIÃO

# Padre defende o uso da CAMISINHA

### Ele acredita que essa é melhor maneira de proteger a vida

N a semana passada, uma entrevistista concedida pelo padre Valeriano Paitoni, da paróquia Nossa Senhora de Fátima, de São Paulo, reacendeu uma antiga

polêmica: o uso da camisinha pelos católicos. O Vaticano condena o preservativo, mas o sacerdote recomenda e distribui há 15 anos. Padre Valeriano



Valeriano Paitoni e seu vídeo (foto mesor): desacordo com a Igreja



hoje", diz. A Igreja defende a fidelidade conjugal e a castidade como formas seguras de prevenção contra a Aids. "O papa pediu perdão aos negros e índios pelos erros que a Igreja cometeu no passado. Se continuar condenando o uso da camisinha, terá de pedir desculpas no futuro pelos enganos cometidos em relação à Aids. A Igreja deveria apoiar as recomendações científicas e solidarizar-se com os portadores do HIV", declarou o sacerdote. Fundador de três casas de apoio para crianças e adultos contaminados, ele lançou uma fita de vídeo com vários dados sobre a

doença, como o fato de que mais de 36 mil brasileiros deixaram de ser contaminados pela Aids graças ao uso do tão polêmico preservativo. Por essa atitude, o padre poderá ser punido pelo clero. No entanto, continua defendendo suas opiniões em alto e bom som. "Cristo disse: 'Não julgue para não ser julgado' e 'Quem não tiver pecado, atire a primeira pedra'. Essas frases mostram que não se deve tratar com discriminação ou preconceito os portadores da Aids, os homossexuais ou qualquer outra pessoa", sustenta o sacerdote.



## ANEXO X

### PRÓ-VOCACIONES MISSIONARIAS

de Bernardete Toneto

A missão entre os portadores do vírus da Aids. Entrevista com quem responde com ousadia aos novos desafios pastorais

No bairro do Jardim Peri e do Imirim, na zona Norte de São Paulo, três casas são bem conhecidas da população. Elas têm nomes – o Lar Betânia e as casas de assistência Siloé e Suzane. Seus habitantes bem especiais: 33 crianças e adultos pobres e abandonados, infectados pelo vírus da Aids.

No movimento comum a todo lar, com um entra e sai constante de voluntários, uma pessoa chama a atenção: padre Valeriano Païtoni, de 51 anos, que as 22 crianças da Casa Siloé tratam como pai. Ele esbanja simpatia por onde passa. Mas um assunto o deixa profundamente contrariado: a falta de solidariedade para com os doentes soropositivos.

Padre Valeriano, italiano de Pontevecchio e missionário da Consolata, desenvolve trabalhos de apoio a HIV positivos e doentes de Aids desde 1984, quando chegou a São Paulo, vindo de Cascavel/PR.

Ele é uma das poucas vozes da Igreja no Brasil a questionar publicamente, em alto e bom som, as posições morais da Igreja dentro desta realidade acima citada.

#### CONTROVERSIAS

O tema é polêmico e a controvérsia sobre o uso de preservativos é antiga. Trata-



Valeriano durante encontro da CNBB: Aids é desafio.

## Entre a moral e a vida



Foto: Arquivo pessoal

Casa de Siloé: "Resposta de vida, não de morte; de inclusão e não de exclusões".

se de um tema "espinhoso", que mexe com a moral e os sentimentos humanos. Secularmente, a doutrina católica somente legitima as relações sexuais dentro do matrimônio, que supõe-se esteja alicerçado em bases de fidelidade. Entretanto, a epidemia da Aids revelou feridas, como o crescente número de mulheres casadas infectadas pelo HIV. Daí a pergunta: o que fazer?

#### UM MAL MENOR

Em junho do ano passado, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) promoveu o seminário "Aids e Desafios para a Igreja do Brasil", que contou com a presença de monsenhor Javier Lozano Barragán, representante do Vaticano. Ao longo do evento, o episcopado progressista chegou a admitir a camisinha como "mal menor" diante das milhares de mortes anuais por causa da doença.

Monsenhor Barragán não concordou e reiterou que, para Roma, as armas para combater o HIV são somente e tão somente a abstinência sexual e a fidelidade conjugal.

Na ocasião, padre Valeriano afirmou: "Como Igreja, não recebemos a missão de destruir a vida, mas de defendê-la na sua plenitude. Partindo desse princípio, precisamos rever com coragem nossas posições e dar uma resposta de

amor à vida, não de morte; uma resposta de inclusão e não de exclusões."

Padre Valeriano não foi o primeiro a colocar a mão no vespeiro. O cardeal Paulo Evaristo Arns, arcebispo emérito de São Paulo, declarou várias vezes que o preservativo "é um mal menor". O sacerdote chegou a fazer essa declaração no seminário sobre Aids.

#### O BEM MAIOR

Para o teólogo Carlos Alberto Libanio Christo, o Frei Betto, está na hora de o magistério católico se perguntar se o preservativo pode ser descartado, quando se sabe que até mulheres casadas são infectadas por seus maridos pelo vírus da Aids. Em artigo, frei Betto questionou: "O preceito evangélico da vida como bem maior de Deus e o princípio tomista da legítima defesa não se aplicariam aí?"

Enquanto a fogueira queima, padre Valeriano continua trabalhando. E não fica somente no discurso. Sua missão vai além: trabalha em conjunto com o Fórum de ONG/Aids do Estado de São Paulo.

Em todo o Brasil, o Ministério da Saúde financia 36 projetos de assistência, apoio e prevenção feitos pela Igreja Católica. Grande parte deles são de solidariedade a doentes, outra parte educativos. E, apesar da oposição oficial da Igreja, ali camisinha não é palavra.

Bernardete Toneto é jornalista do "Boletim Salesiano".

#### Para reflexão pessoal ou em grupo

Qual o compromisso missionário que nos evoca o texto depois de ler sobre o testemunho de Pe. Valeriano?

O que fazer para comprometer-se com o desafio pastoral da Aids?

**DRAUZIO VARELLA**

# A igreja e a camisinha



**O**s dirigentes da Igreja Católica têm a receita infalível para acabar com a Aids: sexo, só depois do casamento e nunca fora dele!

Por isso são contrários ao uso da camisinha mesmo diante de uma epidemia, como declarou em Indaiatuba o enviado do papa, monsenhor Javier Lezano.

Já o padre Valeriano Paitoni, que administra três casas para portadores do HIV na zona norte de São Paulo, prega a distribuição de preservativos para os que não podem comprá-los. "Se o preservativo protege a vida, não há como encará-lo como um mal", disse ele à Folha.

O superior imediato do padre Valeriano, apontado por Dom Eugênio Salles, arcebispo do Rio de Janeiro, não gosta nem um pouco da declaração e publicou nota mal-humorada, condenando o comportamento do pároco.

Nela, considerou "inaceitável a atitude do Padre Valeriano" e, no final, concluiu: "Fui obrigado, com sincera dor, por tratar-se de um irmão na fé e no sacerdócio, a publicar esta nota de repúdio como tentativa de correção fraterna, a qual não exclui outras pro-

vedas que mais gente vai morrer? Talvez porque a cúpula da Igreja, tão empenhada em fixar a mesma regra de conduta para toda a humanidade, tenha esquecido de que casamento respeitoso com atração sexual mútua e persistente por anos e anos é privilégio de poucos.

Ou, talvez, porque bispos e curdeais, há muito apartados de seus rebanhos, não levem em conta que há homens casados que vão à zona de meretrício, que há mães de família que encontram o amante no disfarce da tarde, que há meninas adolescentes que pos-

sam mal quando vêem um homem bonito, que há rapazes de 17 anos que não percebem nem poste-rioridade de sexo e que desde a re-vestido de saia? e que desde a re-

motu Antiguidade existe uma mi-ria de homens que nunca achou graça em mulher. Se não for por esses nozes, então será porque a preocupação de "suas santidades" paira acima das misérrimas terrenas. Gêmei e chorai neste vale de lágrimas, que vosso serô o reino do céu! De fato, o que é o sofrimento na Terra comparado à eternidade do Paraíso?

O mercado brasileiro de preser-

vativos não chega a 150 milhões de unidades por ano. Somos 170 milhões de brasileiros, 30% dos quais mulheres em idade fértil (cerca de 50 milhões). Se apenas elas tivessem vida sexual ativa, teriam direito a 3 camisinhas por ano cada uma.

No meio de uma epidemia trai-coeira como a de Aids, num país com a nível de escolaridade do nosso, toda iniciativa destinada a combater o uso do preservativo é crime contra a saúde do povo.

Dele, as futuras gerações de se-cerdotes se envergonham e pro-vaivelmente pedirão desculpas. Como o fizeram recentemente em memória às pessoas torturadas ou queimadas vivas em praça pú-blica, nos quase 400 anos de In-quisição. Ou como aconteceu com o apoio irrestrito prestado à es-cravatização de índios e de negros.

E pena que a humildade para reconhecer erros tão graves cois-me de menor século, no caso da Igreja Católica. Até lá, muita gente terá sofrido e morrido por cau-sa de uma doença sexualmente transmissível fácil de prevenir: basta não compartilhar sangue e proteger os genitais com camisi-nha durante a penetração sexual.

## Aids?

Faz muita. Não porque homens e mulheres que já usam preserva-tivo venham deixar de fazê-lo apenas porque a igreja manda, mas pela tradicional influência política que ela exerce sobre os di-rigentes brasileiros: qualquer pre-feito precisa pensar duas vezes para contrariar o padre e dez pa-ra ir contra a vontade do bispo.

## Se examinarmos a questão da camisinha do ponto de vista da saúde pública, não há o que dis-cutir: todos os estudos publicados demonstram que quanto mais preservativos são distribuídos à população, menor o número de mortes por Aids.

Se não há como contestar essa evidência científica, por que insis-tir na posição oposta, mesmo sa-

vidências administrativas e pos-torais cabíveis para corrigir essa lamentável situação".

Está evidente uma divisão na Igreja: a maioria dos padres que se dedicam ao trabalho comuni-cário é favorável ao preservativo, enquanto seus chefes não arre-dam pé da posição contrária. Que diferença faz isso para a disseminação da epidemia de



## ANEXO W



SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE  
COORDENAÇÃO DOS INSTITUTOS DE PESQUISA  
CENTRO DE REFERÊNCIA E TREINAMENTO-DST/AIDS

Nota Oficial

**Programa Estadual e DST/AIDS de São Paulo pede mais atenção das lideranças religiosas católicas sobre o uso de preservativo na luta contra a AIDS**

O Programa Estadual de DST/AIDS de São Paulo não concorda com a nota oficial do Arcebispo de São Paulo, D. Cláudio Hummes, publicada no último dia 4 de julho no jornal "A Folha de São Paulo".

Na nota, D. Cláudio Humes em acordo com o Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio Salles, reitera a posição da igreja católica ao condenar o uso do preservativo como uma das formas de se prevenir a AIDS. Esta atitude da igreja coloca em perigo a saúde dos católicos e contraria a iniciativa do Programa Estadual de DST/AIDS em reduzir o aumento da epidemia.

As ações de prevenção do Programa Estadual de DST/AIDS de São Paulo são norteadas por projetos educativos de intervenção direta e por campanhas favoráveis ao uso correto do preservativo, que oferece, sem dúvida alguma, segurança contra a infecção pelo HIV.

A Coordenação do Programa Estadual de DST/AIDS de São Paulo está solidária com o Padre Valeriano



## ANEXO W

Paitoni, um dos seus primeiros parceiros na luta contra a epidemia da AIDS na cidade de São Paulo. Padre Valeriano Paitoni é o responsável por três instituições que abrigam e apoiam pessoas que vivem com o HIV: as casas de Assistência Siloé e Suzane e o Lar Betânia, este último sedia, também, o Fórum de ONGs/AIDS do Estado de São Paulo.

Ainda, na nota do arcebispo de São Paulo, salienta-se o uso do adjetivo "aidéticos", em vez de "portadores do vírus HIV". Esta última nomenclatura, a mais adequada, é a utilizada pelos profissionais que atuam junto a prevenção da epidemia, e que não denota preconceito.

A atitude por parte do arcebispo, comprova seu desconhecimento sobre os rumos da AIDS e a falta de diálogo com as instituições que se preocupam com o crescimento da epidemia, muitas delas ligadas a própria igreja católica.

Parece que os dirigentes da igreja católica no Estado de São Paulo, não demonstraram o menor conhecimento e interesse, em saber que a Organização Mundial de Saúde parabenizou o Brasil, por seu programa de prevenção a AIDS, que evitou no último ano de 1999, o número de 38.000 novos casos de infecção, elevando o número da utilização de preservativos, ainda, o meio mais eficaz de se combater a epidemia.

Artur Olhovetchi Kalichman  
Coordenador do Programa Estadual DST/AIDS - SP